

O DESAFIO DA PRODUTIVIDADE NA VISÃO DAS EMPRESAS*

Fernanda De Negri**

João Maria de Oliveira***

1 INTRODUÇÃO

Um dos principais desafios para que a economia brasileira seja capaz de crescer de forma sustentável no longo prazo é a ampliação de sua produtividade. Produzir mais a partir da utilização dos mesmos insumos e fatores de produção contribuiria para ampliar a capacidade da economia em ofertar os bens e serviços crescentemente demandados pela população.

Os indicadores de produtividade agregada na economia brasileira – ou relacionados com a produtividade total dos fatores, ou com a produtividade do trabalho – não crescem de forma sustentada desde, pelo menos, o fim dos anos 1970. Nos anos 2000, foi possível perceber uma tendência de crescimento até 2008, especialmente na produtividade total dos fatores (PTF). Todavia, este crescimento foi muito tênue se for observado o cenário de longo prazo – não foi suficiente para reverter a forte queda dos anos 1980 – e, além disso, não se sustentou depois da crise de 2008. Este cenário é ainda mais preocupante na indústria, em que alguns indicadores apontam até mesmo uma queda de produtividade nos últimos anos.¹

Qual a razão para que, apesar do crescimento econômico experimentado nos anos 2000, a produtividade agregada da economia tenha se mantido estagnada? Esta talvez seja uma das principais questões da economia brasileira atualmente. O baixo crescimento da produtividade pode ser resultado de inúmeros fatores. Sem a pretensão de exaurir todos eles, citam-se: a baixa taxa de investimento; o reduzido ritmo de progresso técnico; a ainda baixa, embora crescente, qualificação da mão de obra; os gargalos da infraestrutura; e, por que não dizer, a estrutura regulatória e institucional, ainda extremamente burocrática.

É provável que esses fatores tenham papéis distintos no fraco desempenho da produtividade do país e que alguns deles sejam mais relevantes que outros. A investigação mais profunda sobre esse tema exige diversas abordagens. Uma delas é analisar o que pensam as empresas brasileiras sobre o tema.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar de que forma o problema é percebido nas empresas brasileiras e quais seriam, na visão dos empresários, os principais gargalos e obstáculos ao crescimento da produtividade.

Além desta introdução, este texto apresenta, na seção 2, a metodologia utilizada na condução da enquête com as empresas e, na seção 3, a caracterização das empresas respondentes. Na seção 4 são apresentadas a produtividade e sua evolução na visão das empresas e, na seção 5, como as empresas avaliam os principais gargalos e obstáculos que afetam o crescimento da produtividade e da competitividade. Por fim, a seção 6 traz as considerações finais.

* Os resultados apresentados neste artigo originam-se de uma enquête eletrônica, intitulada *Desafios da Produtividade e da Competitividade*, realizada pelo Ipea em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), que contou também com a colaboração da Confederação Nacional da Indústria (CNI). A elaboração do questionário, no Ipea, contou com a colaboração essencial de Alexandre Messa, José Mauro de Moraes, Lenita Turchi Lucas Mation, Luiz Fernando Tironi, Luiz Ricardo Cavalcante e Mansueto Almeida.

** Técnica de Planejamento e Pesquisa e Diretora da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset) do Ipea.

*** Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diset do Ipea.

1. Uma análise detalhada e uma revisão da literatura sobre o comportamento dos indicadores de produtividade na economia brasileira no período recente podem ser encontradas na publicação *RadAr*, n. 28, do Ipea (Squeff e De Negri, 2013; De Negri e Cavalcante, 2013).

2 METODOLOGIA

Para aferir a opinião das empresas brasileiras sobre a produtividade, optou-se por utilizar uma enquete eletrônica aplicada pela internet por meio do *site* do Ipea.² Esta escolha deveu-se às vantagens deste tipo de enquete: *i*) baixo custo; *ii*) velocidade de aplicação; e *iii*) possibilidade de alcançar grande número de respondentes (Calliyeris, Casas e Luzzi, 2012). Todavia, este método de aplicação de *surveys* tem como desvantagem o baixo índice de respostas.

A escolha também considerou o fato de que no Brasil 97% das empresas têm acesso à internet, conforme o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2013). Portanto, a utilização da *web*, além de possibilitar que o questionário fosse acessível a grande número de empresas, permitiu a rápida condução do estudo.

Foi utilizado o *software* livre *LimeSurvey* para criar o questionário, publicá-lo e coletar as respostas. O questionário produzido contém cerca de vinte questões de múltipla escolha, organizadas em quatro blocos.³ O primeiro bloco tem o objetivo de identificar e caracterizar a empresa e o respondente da *survey*. O segundo bloco investiga a percepção da empresa sobre sua produtividade, se e como mede a produtividade e qual o desempenho da empresa, inclusive em relação aos seus concorrentes.

No terceiro bloco, tem-se duas questões sobre os principais fatores que impactaram negativamente a produtividade e a competitividade da empresa – ou que aumentaram seus custos – nos últimos cinco anos. Em ambos os casos o respondente deveria atribuir um grau de importância – alta, média, baixa ou não relevante – a cada um dos fatores.

Na questão sobre produtividade foram elencados fatores que impactariam a eficiência com a qual a empresa produz os seus produtos intramuros. Na segunda questão, sobre competitividade, foram apresentadas opções de caráter sistêmico e que teriam impactos maiores sobre custos e preços das empresas e não tanto sobre a eficiência produtiva no sentido estrito. O objetivo desta separação foi evitar que fatores macroeconômicos, como câmbio e juros, por exemplo, que afetam os custos e, conseqüentemente, a competitividade das empresas, fossem misturados com fatores relevantes para a eficiência produtiva da empresa.

Por fim, o último bloco contém algumas questões adicionais que investigam a ação da empresa em relação à busca da melhoria da produtividade. Estas questões, quando comparadas com aquelas do segundo bloco, permitem avaliar a relevância que o tema assume nas organizações.

Cabe salientar que foram utilizadas recomendações para a construção de questionários aplicados por meio da *web*, conforme Fan e Yan (2010). Por exemplo, em todas as questões de múltipla escolha, o sistema *LimeSurvey* foi configurado para gerar as opções aleatoriamente.

No que diz respeito à amostra, um convite para o preenchimento do questionário foi enviado a todas as empresas que compõem a amostra utilizada pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) em sua Sondagem Trimestral de Inovação. A sondagem é realizada com uma amostra representativa de todas as empresas com mais de quinhentos funcionários na indústria brasileira.⁴ Outro convite foi enviado para todas as que fazem parte do cadastro de clientes da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), ou seja, para aquelas que são ou virão a ser inovadoras. Além disso, também foram enviados *e-mails* para 12 mil empresas integrantes da base de dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), todas classificadas como micro ou pequenas empresas.

O questionário ficou disponível para preenchimento de setembro a dezembro de 2013 para qualquer empresa interessada em participar, bastando informar um Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) válido. Encerrado o período de coleta de dados, foram computadas 851 respostas, entre as quais 475 completas.

2. Disponível em <www.ipea.gov.br/desafiosprodutividade>.

3. O questionário completo encontra-se disponível em: <<http://goo.gl/bTcE5l>>.

4. Mais detalhes sobre a Sondagem Trimestral de Inovação e sobre os procedimentos de amostragem podem ser obtidos diretamente no site da ABDI: <<http://www.abdi.com.br/Paginas/sondagem.aspx>>.

A análise dos resultados foi realizada com base nestas respostas. Entre as 475 empresas respondentes, foi possível encontrar 381 empresas registradas na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2011 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).⁵

A despeito de o convite ter sido enviado para um grande número de empresas e de o sistema ter ficado aberto a qualquer empresa que quisesse responder o questionário, foi possível perceber que a maior taxa de resposta foi observada no grupo de empresas que compõe a amostra da Sondagem Trimestral de Inovação da ABDI – empresas com mais de quinhentos funcionários – e nas empresas pertencentes ao cadastro de clientes da FINEP.

Nesse sentido, o perfil da amostra é enviesado em direção às grandes empresas inovadoras da indústria e de alguns segmentos mais inovadores do setor de serviços. É a opinião dessas empresas que estará refletida nos resultados apresentados a seguir. Apesar desta ressalva, vale a pena informar que, com a colaboração da Confederação Nacional da Indústria (CNI), uma versão simplificada desse questionário foi aplicada à amostra de mais de 2,2 mil empresas, que respondeu a uma edição especial da sondagem da indústria (CNI, 2013). Os resultados obtidos com base na amostra da confederação são muito similares aos que serão apresentados neste estudo, o que reforça a consistência da amostra aqui utilizada.

3 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS RESPONDENTES

A partir da Rais foram obtidas informações sobre o porte, o setor de atuação e a região onde a empresa tem sede. A tabela 1 apresenta a distribuição das empresas respondentes e da população de empresas da Rais. A análise do porte das respondentes indica que elas não são representativas da população de empresas da Rais 2011.

Cerca de 30% das empresas respondentes possuem mais de quinhentos funcionários. Também existe uma concentração grande na outra cauda da distribuição: 21% das empresas possuem menos de vinte funcionários.

TABELA 1

Distribuição das empresas segundo o porte

Número de funcionários	Frequência	%
Até 20	102	21,5
Mais de 20 até 100	71	14,9
Mais de 100 até 250	31	6,5
Mais de 250 até 500	30	6,3
Mais de 500	147	30,9
Ignorado	94	19,8
Total	475	100

Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea e Rais 2011.

Do ponto de vista regional, quase 60% dos respondentes são da região Sudeste e outros 24% estão na região Sul, conforme a tabela 2. Em certa medida, esta concentração no Sul e Sudeste reflete a própria concentração da indústria e dos serviços de alta tecnologia no país nestas regiões.

TABELA 2

Distribuição das empresas segundo a região

Região	Frequência	%
Centro-Oeste	12	3,1
Norte	7	1,8
Nordeste	43	11,3

(Continua)

5. Embora a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) seja um registro administrativo compulsório, nem sempre é possível encontrar todas as empresas naquela base.

(Continuação)

Região	Frequência	%
Sul	92	24,1
Sudeste	227	59,6
Ignorado	94	19,8
Total	475	100

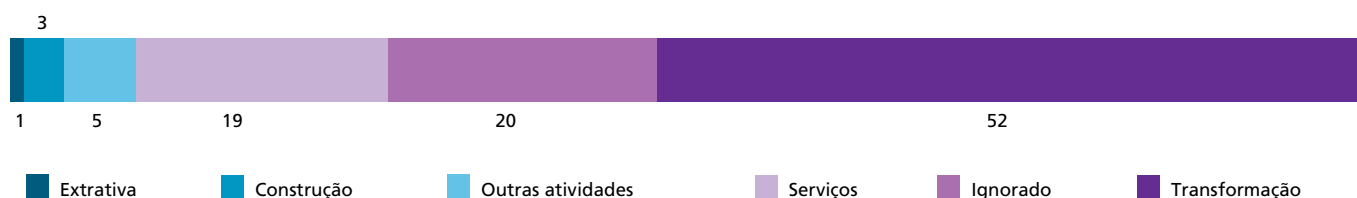
Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea e Rais 2011.

Por fim, do ponto de vista setorial, mais da metade da amostra é composta de empresas da indústria de transformação, conforme o gráfico 1. Destacam-se na indústria de transformação: a indústria de alimentos; a de máquinas e equipamentos e de produtos de informática, que, juntas, respondem por mais de 20% das empresas respondentes. No setor de serviços, que responde por 27% da amostra, destacam-se os serviços de tecnologia da informação (TI) e os serviços de engenharia e arquitetura.

GRÁFICO 1

Distribuição setorial das empresas da amostra

(Em %)



Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea e Rais 2011.

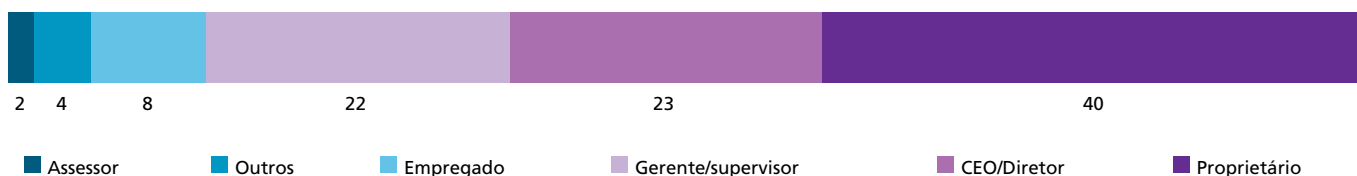
Entre outras informações obtidas na enquete e que também caracterizam essas empresas, destacam-se: elas apresentam idade média de 25,6 anos, 50% delas foram criadas após 1994 e 47% possuem duas ou mais unidades. Do ponto de vista do mercado de atuação, 60% têm como principal mercado o nacional – e não o internacional – ou mercados locais. 28% delas têm atuação local – município e entorno – ou regional – estado e/ou estados próximos.

Por fim, vale apresentar os responsáveis pelas informações. Como mostrado pelo gráfico 2, mais de 80% das respostas foram dadas por pessoas em posição de liderança e conhecimento nas organizações – proprietário, CEO⁶/diretor ou gerente/supervisor.

GRÁFICO 2

Posição do respondente na empresa

(Em %)



Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea.

6. Chief executive officer.

4 A VISÃO DAS EMPRESAS SOBRE SUA PRODUTIVIDADE

O segundo bloco de perguntas da enquete verificou se, e como, as empresas avaliam a evolução de sua produtividade nos últimos cinco anos. A primeira questão procurava saber se as empresas de fato medem e acompanham a evolução de sua produtividade. Nesse quesito, 68% das empresas consultadas declararam acompanhar sua produtividade por meio de indicadores quantitativos.

O indicador mais utilizado é o de produção física em relação ao número de horas trabalhadas na produção, utilizado por 34% das empresas. Como cada empresa poderia marcar mais de um indicador, vale salientar que a receita em relação ao número de empregados e a produção física em relação ao número de empregados também foram mencionadas como indicadores muito utilizados – 26% e 24%, respectivamente.

Quando perguntadas sobre a evolução de sua produtividade nos últimos cinco anos – desde 2008, portanto –, a maioria das empresas (68,2%) declarou que teve ganho de produtividade acima da inflação nesse período, conforme o gráfico 3. Entretanto, uma porcentagem ainda maior de empresas (72,4%) declarou que seus custos de produção também cresceram no período.

TABELA 3

Avaliação das empresas sobre a evolução de sua produtividade e de seu custo de produção nos últimos cinco anos

	Produtividade		Custo de produção	
	Frequência	%	Frequência	%
Cresceu	324	68,2	344	72,4
Diminuiu	62	13,1	47	9,9
Ficou inalterada	73	15,4	69	14,5
Não sabe dizer	16	3,4	15	3,2
Total	475	100	475	100

Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea.

Aproximadamente metade (49%) das empresas respondentes declarou que tanto sua produtividade quanto seus custos de produção cresceram no período. Para cerca de 40% dessas, os ganhos de produtividade mais que compensaram o aumento de custos. Para outras 32%, ambos foram similares. Todavia, 24% disseram que os aumentos de custos superaram os ganhos de produtividade.

Em alguma medida, esses resultados contrastam com o que dizem os indicadores agregados de produtividade na economia, que apontam uma estagnação na evolução da produtividade, especialmente após 2008 – período ao qual se refere a enquete –, e especialmente na indústria, em que atua a maior parte das empresas entrevistadas. Este contraste sugere pelo menos duas hipóteses, a primeira delas seria que as empresas estão fazendo uma avaliação superestimada dos seus ganhos de produtividade no período recente. Esta superestimação pode estar associada às mudanças de preços, ou seja, talvez ao responder a pergunta o empresário esteja avaliando a evolução de sua produtividade em termos nominais, e não em termos reais.

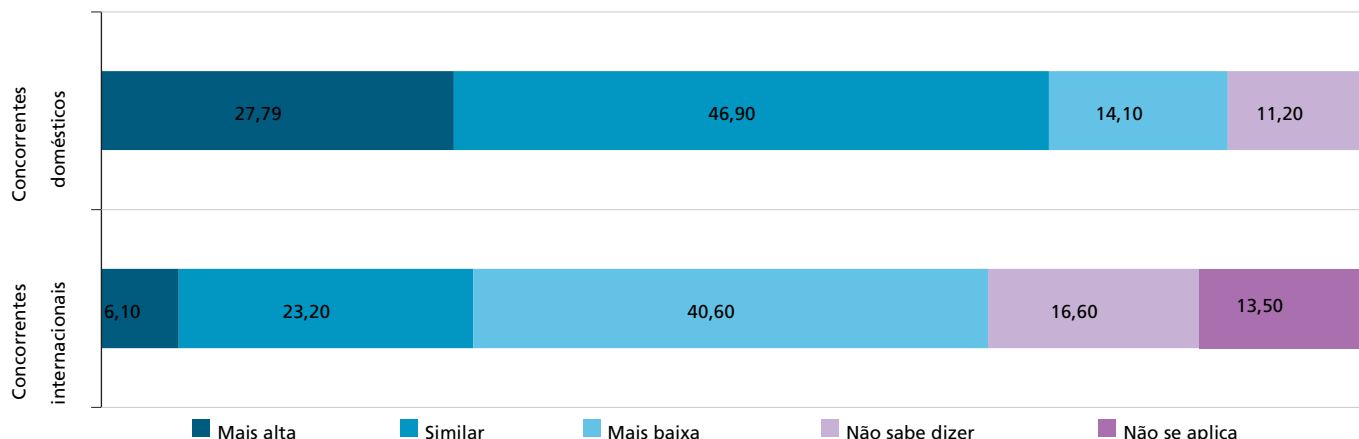
Outra hipótese é que essa amostra de grandes empresas tenha tido um desempenho muito superior ao conjunto das empresas industriais e de serviços. Nesse sentido, a estagnação dos indicadores agregados reflete o baixo crescimento da produtividade no restante da indústria que não seria a realidade para esse grupo de empresas. Entretanto, esta segunda hipótese não é corroborada pela edição especial da sondagem aplicada pela CNI a uma amostra representativa da indústria extrativa e de transformação – não enviesada para empresas maiores e mais inovadoras. A sondagem mostrou resultado similar: 64% das empresas declararam que sua produtividade cresceu nos últimos cinco anos (CNI, 2013). Uma análise mais consistente desses resultados e de suas aparentes contradições requer uma investigação sobre o que está acontecendo com os indicadores de produtividade no nível da firma, a partir das informações da Pesquisa Industrial Anual (PIA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na comparação com os concorrentes, quase metade das empresas (47%) afirma que sua produtividade é similar aos seus concorrentes domésticos, conforme o gráfico 3. Apenas 14% afirmam que seus níveis de produtividade são mais baixos que os de seus concorrentes domésticos e cerca de 28% dizem que é maior.

GRÁFICO 3

Avaliação da produtividade da empresa em relação aos seus concorrentes

(Em %)



Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea.

Quando a comparação é feita com concorrentes internacionais, o quadro muda substancialmente, ainda conforme o gráfico 3: 40% das empresas afirmaram que possuem níveis de produtividade inferiores aos dos seus concorrentes localizados fora do país e apenas 6% acreditam que sua produtividade é maior que a dos concorrentes externos.

A pesquisa também indagou sobre a idade média dos equipamentos. A média da idade dos equipamentos das empresas foi de 7,33 anos. Cerca de 58% delas tem equipamentos com até cinco anos de uso. Também se buscou saber sobre quando foi realizado o último investimento significativo em ampliação da capacidade e/ou de modernização: 71,4% delas fizeram este tipo de investimento nos últimos dois anos.

No intuito de se avaliar ações da empresa em relação à busca da melhoria da produtividade, a pesquisa apurou que 74,5% delas possuem programa de treinamento de seus empregados. Em relação às certificações de qualidade, 51% delas afirmaram possuir este tipo de procedimento, enquanto 11% informaram estar em processo de obtenção.

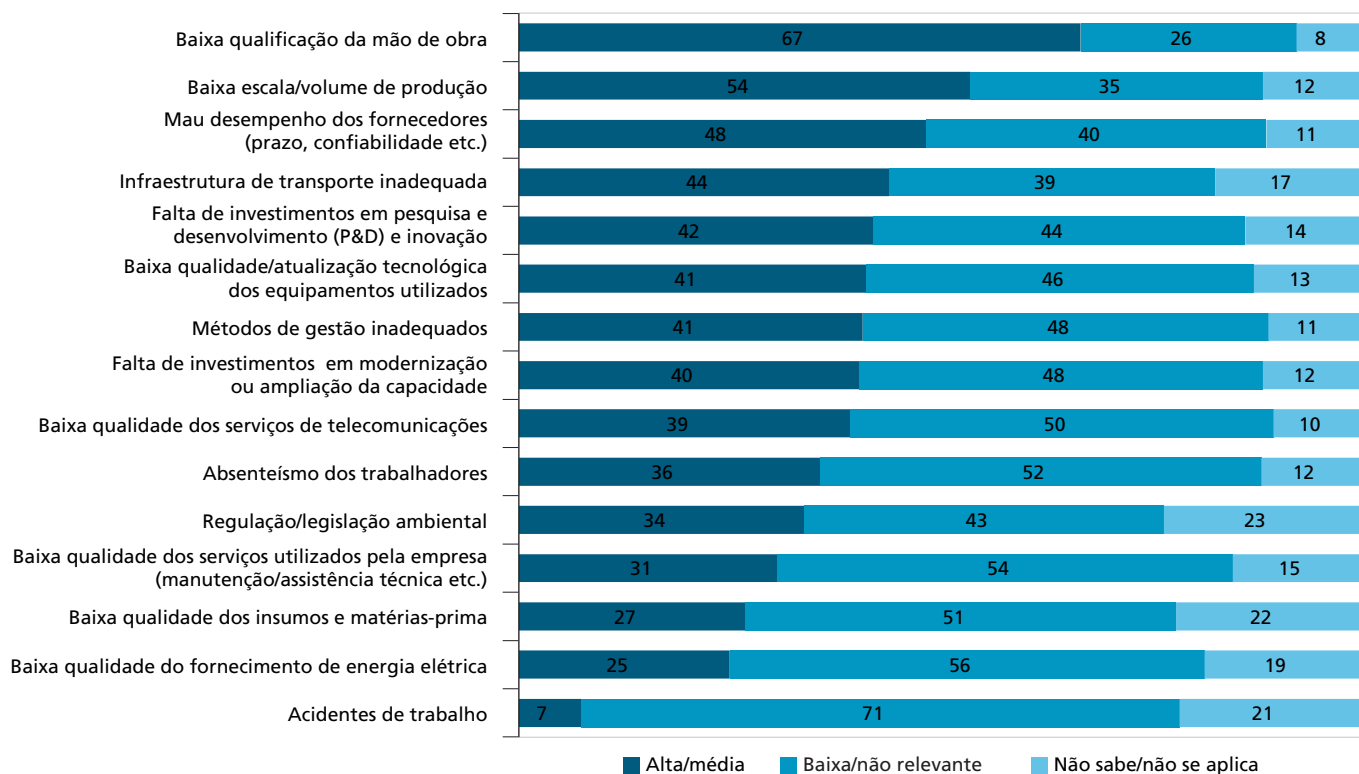
5 PRINCIPAIS GARGALOS E OBSTÁCULOS AO CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE

Para avaliar os principais gargalos e obstáculos para o crescimento da produtividade da empresa, foi utilizada uma questão contendo quinze possíveis fatores que poderiam ter impactos negativos sobre a eficiência com a qual as empresas transformam seus insumos em produtos finais. Entre as opções apresentadas, foi dada ênfase em fatores internos à firma, dado que a produtividade é, em última análise, um atributo da firma. Fatores que afetam o preço dos produtos, do lado de fora dos portões da empresa, foram enfatizados na questão seguinte, sobre competitividade.

Para cada um desses fatores, foi apresentada uma escala similar à escala de Likert, contendo as seguintes opções que permitiam ao respondente atribuir grau de importância ao fator em questão: alta, média, baixa, não relevante, não sabe ou não se aplica. Os resultados apresentados no gráfico 4 agrupam as respostas em alta/média; baixa/não relevante; e não sabe/não se aplica. O principal fator a prejudicar a produtividade das empresas, na opinião destas, foi a baixa qualificação da mão de obra. Para 67% das empresas este é um fator de alta ou média importância e se configura como obstáculo para o crescimento de sua produtividade.

GRÁFICO 4

Grau de importância atribuído pelos respondentes aos fatores que prejudicaram a produtividade da empresa nos últimos cinco anos (Em %)



Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea.

Em segundo lugar está a baixa escala de produção (54%). Esse resultado é compatível com a produção industrial, em que existem, na maioria dos setores, rendimentos crescentes de escala. O terceiro fator mais importante é o mau desempenho dos fornecedores em termos de prazo e de confiabilidade.

Em contrapartida, as empresas consideram que fatores como acidente de trabalho, baixa qualidade de energia elétrica, baixa qualidade dos insumos e de matéria prima e baixa qualidade dos serviços utilizados pela empresa – manutenção, assistência técnica etc. – não são relevantes no que diz respeito a sua produtividade.

Chama atenção o fato de que é grande a porcentagem de empresas que reconhece a importância, para a produtividade, de fatores que são de responsabilidade exclusivamente da própria empresa – falta de investimento em inovação por parte da empresa, baixa qualidade dos equipamentos utilizados, métodos de gestão inadequados, entre outros.

A questão seguinte diz respeito aos fatores que, na visão das empresas, afetam a sua competitividade. Nesta questão, foram apresentados treze opções para a análise do respondente. Algumas, como a infraestrutura de transportes, também podem afetar a produtividade da empresa, pois interferem em prazos e custos de produção, e, por isso, também foram apresentadas na questão anterior.

O gráfico 5 apresenta a relevância atribuída pelas empresas aos fatores que prejudicam sua competitividade. O fator apontado como aquele que mais impacta negativamente a competitividade é a estrutura tributária brasileira. A carga tributária é vista como um gargalo para a competitividade por quase 90% das empresas e a complexidade tributária, por mais de 83%.

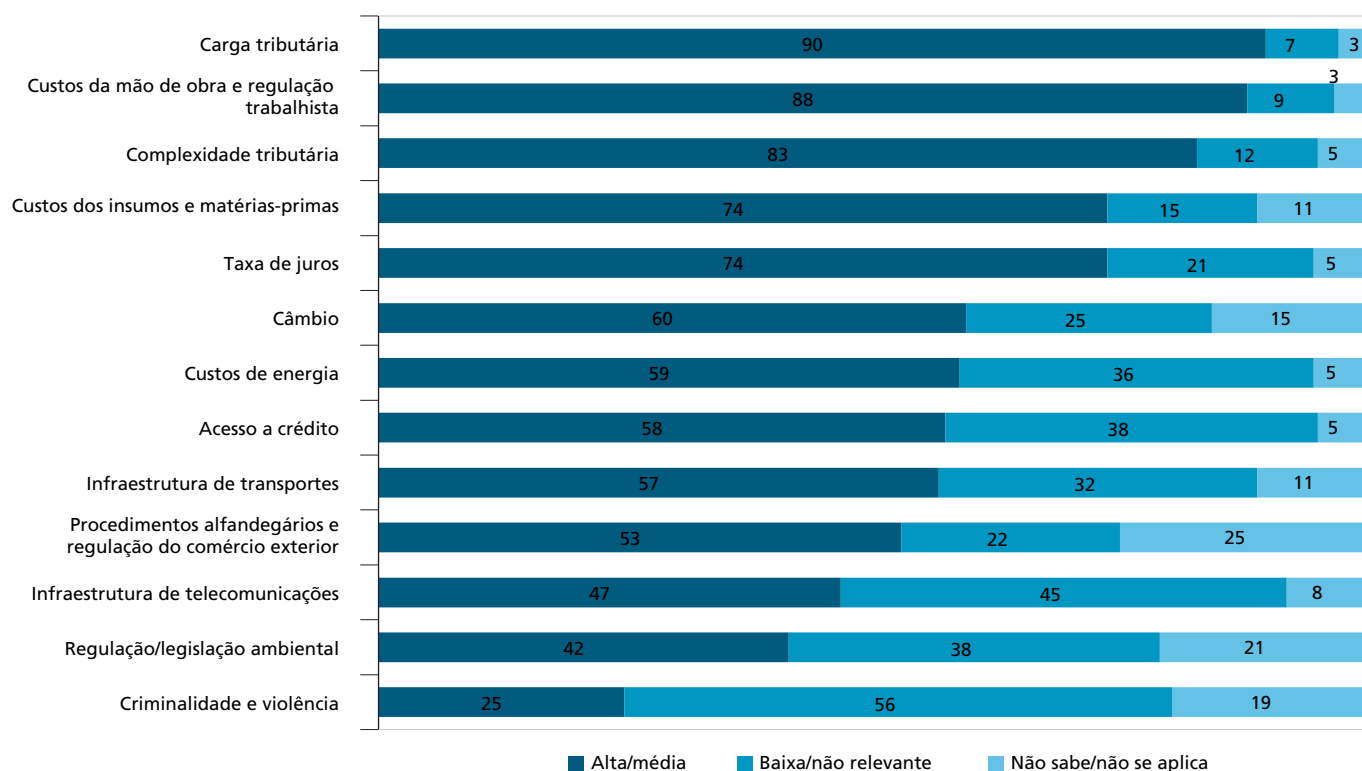
Em segundo lugar estão os custos da mão de obra e a regulação trabalhista, que são apontados como relevantes por quase 90% das empresas, patamar levemente inferior ao da carga tributária. Vale salientar que, segundo empresários ouvidos a respeito desses resultados, é a incerteza jurídica derivada das ações trabalhistas uma das maiores preocupações dos empresários em relação a essa questão, e não necessariamente os custos rotineiros de mão de obra.

Os custos dos insumos e de matérias-primas e a taxa de juros aparecem logo a seguir como fatores relevantes para mais de 70% das empresas. A taxa de câmbio, que talvez tivesse aparecido em outros momentos de forma mais relevante, ainda é importante para cerca de 60% das empresas, assim como os custos de energia.

Apesar de ser considerada relevante, a infraestrutura de transportes, bem como os procedimentos alfandegários e a regulação do comércio exterior, não aparece entre os fatores com maior relevância. Uma hipótese é o fato de o foco dessas empresas não ser o mercado externo. O único fator que aparece como não relevante pela maioria das empresas respondentes é a criminalidade/violência. Merece registro também que a regulação/legislação ambiental não se configura como um fator altamente relevante para a maior parte das empresas.

GRÁFICO 5

Grau de importância atribuído pelos respondentes aos fatores que prejudicaram a competitividade da empresa nos últimos cinco anos (Em %)



Fonte: Enquete Desafios da Produtividade e da Competitividade/Ipea.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produtividade tem ocupado um espaço significativo no debate especializado no período recente e tem crescido o consenso entre os economistas sobre o papel fundamental dos ganhos de produtividade para a sustentação do crescimento econômico brasileiro. Nesse contexto, qual é a visão das empresas sobre o tema? Este artigo buscou investigar como as empresas brasileiras avaliam sua produtividade e quais, em sua opinião, são os principais gargalos e obstáculos ao seu crescimento.

Apesar de ter sido respondida predominantemente por grandes empresas inovadoras, especialmente na indústria, muitas respostas foram similares as da pesquisa da CNI (CNI, 2013), realizada para uma amostra representativa da indústria.

Um dos resultados mostra que dois terços das empresas afirmam que obtiveram ganhos de produtividade nos últimos cinco anos, resultado que contrasta com a evolução dos indicadores de produtividade agregados da economia, que mostram relativa estagnação desde 2008. Esta dissonância pode ser consequência de uma superestimação do crescimento da produtividade por parte das empresas, ou pode ser derivada do viés amostral já reportado.

De todo modo, essa aparente dissonância levanta questões que merecem maior investigação empírica. Por exemplo, que fatores explicam o crescimento da produtividade em algumas empresas, mesmo em um contexto macroeconômico de baixo crescimento da produtividade. E se, de fato, existe um grande grupo de empresas ganhando produtividade no período recente, quais são as razões de estes ganhos não se refletirem nos indicadores agregados.

A maior parte das empresas avalia ser tão ou mais produtiva que seus concorrentes no mercado doméstico. Todavia, também a maioria delas aponta ser tão ou menos produtiva que suas concorrentes internacionais. Ou seja, o diagnóstico destas empresas, de modo geral, é que estão bem posicionadas no mercado local, mas mal posicionadas no mercado externo.

Para as empresas, o principal obstáculo ao crescimento da sua produtividade é a baixa qualificação da mão de obra, fator ressaltado por 67% das empresas. Talvez por esta razão, mais de dois terços delas informaram possuir programa de treinamento de seus empregados.

Apesar da constatação desse problema de qualificação, recorrentemente citado no debate econômico recente, vale ressaltar que, em termos quantitativos, a escolaridade média do trabalhador brasileiro tem crescido de forma consistente nas últimas décadas. Talvez esta escassez de mão de obra qualificada esteja mais relacionada com o bom desempenho do mercado de trabalho, que gera demanda por este tipo de trabalhador em maior quantidade que a oferta gerada pela evolução da escolaridade. Outra hipótese a ser investigada diz respeito à qualidade da formação básica e superior no Brasil, o que também pode explicar por que a percepção de baixa qualificação convive com o aumento dos anos de estudo.

Logo depois da baixa qualificação, os principais obstáculos apontados pelas empresas são a baixa escala de produção, o mau desempenho dos fornecedores em termos de prazo e confiabilidade e a infraestrutura de transportes.

Em relação à competitividade, o fator apontado como sendo o mais prejudicial para a quase totalidade das empresas é a estrutura tributária brasileira. Tanto em relação ao tamanho da carga quanto à sua complexidade. O terceiro fator mais relevante, considerando-se a avaliação das empresas, são o custo de mão de obra e a regulação trabalhista brasileira.

Todos esses fatores e a forma como afetam a produtividade e a competitividade das empresas brasileiras merecem, sem dúvida alguma, investigações mais aprofundadas. O ponto de partida para este tipo de investigação pode ser, justamente, a opinião das empresas sobre estes fatores e sua importância.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais 2011 (Rais 2011)**.
- CALLIYERIS, V. E.; CASAS, L.; LUZZI, A. The use of internet data collection method as perceived by executives in market research institutes in Brazil. **Interações**, v. 13, n. 1, p. 11-22, jun. 2012.
- CGI.BR – COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC domicílios e empresas 2012**. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil. São Paulo: CGI.BR, 2013.
- CNI – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Sondagem especial, indústria de transformação e extrativa: produtividade**. Disponível em: <<http://goo.gl/iw8kMg>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- DE NEGRI, F.; CAVALCANTE, L. R. Evolução recente dos indicadores de produtividade no Brasil. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, Brasília, Ipea, n. 28, 2013.
- FAN, W.; YAN, Z. Factors affecting response rates of the web survey: a systematic review. **Computers in human behavior**, v. 26, n. 2, p. 132-139, mar. 2010.
- SQUEFF, G. C.; DE NEGRI, F. Evolução recente dos indicadores de produtividade no Brasil. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**, Brasília, Ipea, n. 28, 2013.